

||||| ||| ||| |||
julliano mendes

Ouro
Preto
Editora

Histórias nas pare



**HISTÓRIAS
NAS
PAREDES**

Juliano Mendes

Histórias nas paredes

Título original

Histórias nas paredes, de Julliano Mendes

1. Literatura dramática
2. Dramaturgia brasileira
3. Teatro brasileiro

Julliano Mendes
www.jullianomendes.com (Julliano com dois L's)
gruporesidencia@gmail.com

Sumário

Dostoievski, o caralho!	5
HISTÓRIAS NAS PAREDES.....	11
DRAMATURGIA DE JULLIANO MENDES.....	67

Dostoievski, o caralho!

*a pedra formando o desenho
ouro preto é o lugar de onde venho
ouro preto é pedra e palavra*

Histórias nas Paredes é o resultado da Oficina de Dramaturgia do Galpão Cine Horto coordenada pelos dramaturgos Vinícius Sousa e Assis Benevenuto em 2014. Quinze autores foram selecionados para, ao longo de um semestre, desenvolver um projeto de escrita. É interessante essa possibilidade de criação dramática coletiva. Mesmo com projetos formal e conceitualmente diferentes, é possível contaminar-se pelas angústias de outros, contribuir com o desenvolvimento alheio, ampliar e relativizar o próprio repertório temático. Talvez resida nas experimentações coletivas a chave para o desenvolvimento de uma dramaturgia brasileira mais radicalmente social, que reflita e amplie as questões inerentes ao nosso tempo, sem ficar, como é praxe, refém da estética do dramaturgo, ou das necessidades de um mercado que cada vez mais privilegia o entretenimento. Ao Galpão Cine Horto e aos coordenadores, parabéns pela iniciativa. Aos colegas, obrigado pela troca.

Para falar sobre meu projeto, é necessário que eu volte pelo menos dez anos no tempo, num evento cultural da Casa do Tratado do Café com Leite, em Ouro Fino, MG. Durante uma conversa privada, desdenharam de uma montagem que eu fizera em 2009, *Rato do Subsolo ou o Ódio Impotente*, inspirado, para meu regozijo, em Memórias do Subsolo, de Fiodor Dostoievski. Disse-ram-me: “Dostoievski, o caralho! Você não é de Ouro Preto? Você tem que falar de Bárbara Heliodora!” Nem sei se meu interlocutor sabia que a Bárbara em questão era uma personagem de São João Del Rey, considerada a primeira poetisa brasileira, ou se ele juntava num mesmo bolo temático todas as cidades coloniais mineiras,

tão similares, mas também tão diferentes. Mas a Bárbara, em definitivo, não era a questão.

Até aquele ponto - e este foi o tema que defendi numa discussão que se acalorou um tanto - achava estranho que o fato de eu ter nascido em Ouro Preto me condicionasse a explorar temas sempre circundantes à questão colonial. Como se minha descendência me impusesse uma limitação. Há mitos que exploram a descendência renegada pelo herói que percorre mundos visíveis e invisíveis para encontrar o elixir sagrado, objeto de sua busca, enterrado no próprio quintal. Qual herói você queria ser quando criança? O homem mais forte do mundo? A mulher maravilha? Eu era aquele: o que fugia de si.

Alguns anos mais tarde, dando o braço a torcer ao argumento que eu, com afetação, refutara, percebi que o fato de eu ser ouro-pretano era, enfim, uma qualidade, uma distinção. Que a descendência é uma constituição, é como filtramos a realidade. Com este filtro particular é possível ver e visitar tudo. Dostoiévski, inclusive.

Desta nova reflexão, nasceu o desejo de desenvolver um texto em que algum casarão colonial de Ouro Preto fosse seu principal personagem, receptáculo físico das histórias de centenas de pessoas que residiram ali ao longo dos séculos, memória viva. Que trouxesse, com o perdão da obviedade, sua história impressa nas paredes. Eu não inventava nada. Alguns casarões resistem de pé há mais de três séculos, experimentando o violento contraste de épocas, e hoje, símbolo máximo da cidade que ostenta o mais homogêneo conjunto arquitetônico colonial do mundo, estes mesmos casarões continuam presenciando história.

Ao final da oficina de dramaturgia, surgiu **Histórias nas Paredes**. O texto foi composto por épocas paralelas. Tempos dife-

rentes, o mesmo espaço. Comecei da primeira ocupação da cidade, nos primórdios do séc. XVII. O terreno acidentado da antiga Vila Rica, localizada num vale, não conferia nenhuma facilidade para que ali se implantasse um povoado, mas era tão gigantesco o potencial de extração do ouro, que fizeram ali mesmo a ocupação, e nas primeiras décadas já se especulavam em milhares os habitantes da vila. Contrária à imagem recorrente nos filmes de época de mulheres com leques e homens ostentando uma postura quase clássica, a vida em Ouro Preto neste período devia ser inóspita e árdua. Reflexo da febre do ouro que, provavelmente, transformou a cidade mais numa espécie de Serra Pelada colonial do que numa corruptela das cortes francesas do séc. XV. Para esta época, criei o Visconde Augusto e sua filha Lúcia. Em sua relação ferina e cruel, decidi explorar a condição da mulher recém-chegada de Portugal em terras brasileiras. Há alguns anos visitei uma exposição que refletia esta condição, sendo habitual o confinamento no lar da mulher, subjugada por práticas culturais de isolamento e contrição. Lúcia seria, para mim, a negação explosiva desta condição. E seu pai, o oposto.

Depois, o texto dá um salto de quase um século para encontrar um movimento que ainda povoa a memória nacional, a Inconfidência Mineira. Como não me interessava uma narrativa científica, histórica, optei por não retratar nenhum dos inconfidentes, personagens célebres de Ouro Preto que hoje viraram nomes de rua, restaurantes e comércios da cidade. Apresentei uma situação em que a inconfidência fosse apenas um pano de fundo das cenas que se desenrolariam. Criei três senhoras portuguesas que tivessem vindo para o Brasil no anonimato, três irmãs que representassem a saudade e a esperança, e que pudessem conferir leveza ao texto que foi desenvolvido.

Mais um salto no tempo para o encontro de Irene, uma pianista que, para sobreviver, dá aulas particulares de química

para alunos da Escola de Minas, que foi criada em 1876. Vinte e um anos mais tarde, Ouro Preto perdeu o título de capital da Província de Minas Gerais para Belo Horizonte, o que arruinou a economia na cidade. Esvaziada, a cidade viveu um período de decadência, perdendo moradores para outras regiões mais modernas do estado. Diversos casarões foram abandonados. Neste cenário decadente, Irene é mais uma personagem subversiva.

Segue-se um salto de mais um século. A história agora se cruza comigo. Sou natural de Ouro Preto. Aqui a gente se habituou a enxergar a cidade em três perspectivas: a cidade do morador nativo, a cidade do turista e a cidade do estudante de sua universidade federal. São três perspectivas que, não raro, conflitam. Achei interessante falar desse terceiro grupo, que representa uma Ouro Preto moderna e contemporânea, permeando seu imaginário: a república universitária. Diversos meninos e meninas recém-saídos de casa que se veem conduzindo a própria vida. Lugar repleto de intensidade, amizade e força, mas também de exclusão e preconceito. Uma particularidade que se verá no texto é que, como tradição, todo morador da república ganha um apelido, que é como ele vai ser chamado no período dos estudos. Apelidos pejorativos, carinhosos, engraçados, vão esvanecendo personalidades. Ali dentro os alunos praticam uma forma de autogestão, decidindo quem pode ou não ser escolhido como novo morador entre os alunos que ingressam na universidade. Ainda hoje, em dois mil e vinte e um, esta autogestão conflita com quem defende que os critérios de escolha sejam socioeconômicos. Os novos moradores são chamados de ‘bichos’.

Completando as cenas sobrepostas, apresento o casamento de Jair e Helena. Sem necessariamente uma relação temporal, embora os anos 90 o interpretem bem, me interessava falar da casa como lar, como estratificação física de uma instituição que precisa ser revista: o casamento. Quem casa quer o quê?

Histórias nas Paredes é mais um texto em que pratico a dramaturgia cruzada, entretanto, neste caso, épocas e cenas se cruzam por completo, embora o espaço onde as ações se desenvolvam seja o mesmo. Nos exercícios que fiz de montagens com a dramaturgia cruzada, sempre optei por fazer com que a cena resolvesse o que no texto é sobreposto. Porque a sobreposição não se configura como mistura. Há um ordenamento que se impõe. Réplicas de uma cena funcionam para a outra. Contudo, acho possível, também, uma cena mais caótica, convulsa, que ofereça ao espectador uma fruição mais tosca, menos acabada, mas, tenho certeza, igualmente potente. Sempre me pareceu que esta opção exigiria mais ensaio, mais domínio. Talvez, por isso, eu nunca a tenha realizado.

Durante a leitura na oficina de dramaturgia do Galpão Cine Horto alguém me perguntou se este texto deveria necessariamente ser encenado em algum casarão ouro-pretano, radicalizando a ideia do imóvel como um personagem. Respondi que não, que uma solução cenográfica poderia, inclusive, resolver a questão da concomitância de espaços durante o cruzamento dos diálogos. Porém, uma colega de oficina confidenciou-me: “Tem que ser em Ouro Preto. Senão, é o PROJAC”. Achei bastante pertinente.

Julliano Mendes*



** Julliano Mendes é ator, diretor e dramaturgo. É mestre em Estudos da Linguagem pelo departamento de letras da Universidade Federal de Ouro Preto, onde defendeu a dissertação “Do íntimo ao público: adaptação de textos não dramáticos para o teatro”. Fundou, em 2001, o Grupo Residência Teatro e Audiovisual, produzindo oito espetáculos. Em 2020 lançou o romance Um Circo, pela Editora Ouro Preto. Sua produção literária pode ser conferida no site www.jullianomendes.com. Atente-se que Julliano é com dois L’s.*

HISTÓRIAS NAS PAREDES

PERSONAGENS:

Séc. XVII

Augusto
Lúcia
Maciel
Capangas de Augusto

Séc. XVIII

Senhora Gorda I
Senhora Gorda II
Senhora Gorda III

Séc. XIX

Irene
Aluno I
Aluno II
Oficial de Justiça
Carregadores de piano

República - anos 80

Angústia
Saudade
Rancor
Vingança
Desfaçatez
Outros alunos

Casal

Helena
Jair
Seus filhos
Pintor

Cenário:

Casarão na cidade de Ouro Preto com diversos cômodos.

Os espectadores se reúnem ante a fachada do casarão. A personagem Texto, condutor na narrativa, pode ser uma projeção sobre as paredes da casa, um ator, voz em off, etc.

TEXTO - Havia uma casa e havia um buraco (e não era um buraco de rato). Era um hiato. E eu, simples demais para sua profundidade, ficava ali, remoendo pequenas saudades do que nunca vivi (eu, sim, ratinho miúdo e torpe, vivendo dos restos dos outros, mas sem nenhuma culpa, pelo contrário, cheio de felicidade). Havia o tempo, que eu sempre imaginei um velho de barbas. O tempo é uma espécie de seu avô – se seu avô não tinha barbas, finja. Portanto, será assim: a pedra (a casa cravada nos séculos), o tempo (será possível imaginar uma coisa que não morre?) e um buraco, que une uma ao outro. Estejam à vontade, nos próximos (*diz quantos minutos durará a encenação*) minutos percorram os cômodos das coisas de que me lembro, das coisas que invento, das coisas que nem imagino. Sejam bem vindos a mim...

Abre-se a porta (ou as portas). Na sala está Irene, professora de piano do fim do séc. XIX, mas que, para sobreviver, dá aulas particulares de química. Ela está com Aluno I e Aluno II, de quem não interessam as identidades. Ela fala com acuidade, fazendo gestos largos, mas não a ouvimos porque, em outro cômodo, Angústia, estudante de farmácia dos anos 80, que ostenta uma figura comunista, com barba rala e boina cheguevarianas, ouve um rock'n roll qualquer no último volume. Surge Rancor. Com impaciência, como se aquilo fosse habitual, bate à porta de Angústia.

RANCOR - Angústia! Dá pra abaixar um pouco esse som?

Nenhuma resposta. Tempo. Rancor retorna para seu quarto. Depois volta para a porta do quarto de Angústia.

RANCOR - Angústia, seu filho da puta! Abaixa esse som que tô precisando estudar!

Nenhuma resposta. Rancor esmurra a porta.

RANCOR - Ô, puta merda! Caralho! Angústia, desliga essa merda desse som, seu escroto!!!

Angústia, finalmente, abaixa o volume do som.

IRENE (continuando a aula) - Não, não. Espere, primeiro, que eu conclua um pensamento pra perguntar, tudo bem? A alcalinidade, como eu dizia, é a medida total das substâncias presentes na água capazes de neutralizar ácidos.

Angústia abre a porta do quarto.

ANGÚSTIA - Porra, Rancor! Você ainda não entendeu que só o rock salva?

ALUNO I - Eu não entendi, professora.

RANCOR - Se eu não tirar cálculo I, nem o rock, meu caro.

IRENE - Mas eu nem acabei de explicar...

ANGÚSTIA - É porque você estuda sem utopia, Rancor.

IRENE - Assim que eu acabar, tenho certeza que você vai entender...

RANCOR - Eu não faço a mínima ideia do que significa utopia.

ALUNO II - Acho que a senhora ainda não entendeu que a prova é

amanhã.

ANGÚSTIA - O rock é uma utopia.

IRENE - Eu entendi: amanhã.

RANCOR - Pra você.

Irene suspira pequenas amarguras.

ANGÚSTIA - I can't get no satisfaction, man!

RANCOR - O quê?

ANGÚSTIA - I need somebody / not just anybody...

RANCOR - Vá tomar no seu cu!

ANGÚSTIA - Você faz uma universidade federal, meu caro Rancor. Pode parecer um absurdo, mas em breve você fará parte da elite intelectual brasileira. Você mesmo, Rancor. Terá a chance de contribuir com a formação de um país melhor, ou pelo contrário, tornar-se parte da tripulação que vai nos afundar ainda mais. Sabe quantas pessoas têm essa oportunidade na vida?

ALUNO I - Professora! Vai continuar a aula ou não?

RANCOR - E você pretende aproveitar esse oportunidade tocando punheta e ouvindo rock'n roll no último furo trancado em seu quarto?

ALUNO II - Professora Irene! A senhora pode continuar a aula, por favor?

ANGÚSTIA - Eu não estou pensando em mim, Rancor. Estou pensando no outro.

RANCOR - Então pense em mim: estou precisando muito estudar, acho esse papinho de utopia uma conversa pra boi dormir, ando doido pra dar uma porrada em sua cara, acho rock'n roll uma coisa de viado, meu pai falou que vem me visitar no fim do mês, perdi meus óculos, tenho dores de cabeça constantes, a menstruação de minha namorada tá atrasada, se eu não tirar mais que sete em cálculo tô fudido, se eu não tirar mais que sete em calculo você tá fudido, eu vou quebrar sua cara, vou quebrar sua cara seu filho da puta...

Outros estudantes surgem e contêm Rancor.

ALUNO I (assim que os estudantes conseguem controlar Rancor) - Professora!!!

IRENE (tornando a si, mas com enorme naturalidade) - Estava aqui pensando: já se somam três os meses que o pai de vocês está me devendo. Três meses.

ANGÚSTIA (gritando pra Rancor, que é levado de lá) - Você é a morte do Brasil, Rancor.

ALUNO II - Ele disse que vai pagar.

ANGÚSTIA - Tenho pena de você!

IRENE - O que falta pra que vocês compreendam a alcalinidade é o dinheiro.

RANCOR - Tenha pena da puta que te pariu!

ALUNO I - A senhora enlouqueceu, professora?

IRENE - Não. Nunca estive tão sóbria. Sabe por que o pai de vocês não me paga? Porque ele não tem dinheiro. Ele não vai me pagar. Esse lugar está desmoronando e eu estou dentro dele. Tenho uma sensação horrível que quando todo mundo sair, eu sobrarei, vestida num jaleco, tomando champanhe barato num tubo de ensaio. Mas, chega de tubos de ensaio. Eu não sou professora de química. Detesto química. Detesto química!!!

Encaminha-se para o piano. Angústia fecha a porta do quarto e se dirige para o som. Assim que liga o aparelho, Irene começa a tocar, sobrepondo-se os dois sons. Blackout. Sobra apenas o piano de Irene. Durante um tempo há uma profusão de sons, de escravos sendo açoitados a cavalos, roda de samba, pessoas trepando, sempre sons transitórios, subjetivos. Acende-se a televisão. Nela, projeta-se um vídeo de casamento dos anos 90. Desenrolam-se cenas clássicas. Ela entrando na igreja, pessoas chorando, alguém jogando o buquê. Entram num carro antigo. Seguem até o casarão da história e agora vemos sua fachada no vídeo. Há uma faixa na frente onde se lê: “Enfim, SOS”. Os amigos se reúnem. Cantam alguma coisa. O casal se aproxima da porta. Contam ‘um, dois, três’ para entrar. Assim que abrem a porta no vídeo, a porta na cena também se abre. Mas, na cena, entram três homens e uma moça. Dois deles a empurram com violência para dentro de casa. Ela grita muito, tenta se desvencilhar, não consegue. É Lúcia. O outro homem é seu pai, Augusto. Falam quase juntos.

AUGUSTO - Filha minha é propriedade minha. Sua perda. Vou te ensinar uma coisa. Cala essa boca. Segurem essa imunda. Deus vai castigar você, mas não a mim. “Bem-aventurado o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores.” Eu tiro esse capeta de você com a lâmina de meu chicote. O pecado

existe, é o preço da justiça, mas na minha casa, não. Está louca, já está condenada a desgraçada, mas sou seu pai. Não te escolhi, por isso eu te salvo, porque sou bom e sei que deus, o meu, o único, onipotente e justo, onisciente e forte, está comigo. Segurem firme essa pecadora, mas deixem que fale. Quanto mais fala mais se revela: tem um demônio dentro dela. Mas não tenho medo de demônios. Vou te ensinar a ser livre. Não existe liberdade pra você. A sua liberdade é minha. Isso. Tragam essa imunda pra cá, isso, segura ela, seu imbecil. Vem cá, sua perdida. Me escuta: a liberdade não existe. Nem pra você, nem pra mim, mas menos pra você. Tenho direito sobre seu corpo. Eu e Deus.

LÚCIA - Eu sou meu corpo. Meu corpo sou eu. Me devolve me corpo. Você não merece meu corpo, nenhum de vocês. Deus é meu corpo. Eu sou deus. Me deixa ser deus. Sai de minha frente. Não aceito o cárcere de sua correção: a correção é sua, o cárcere é meu? Não acho justo. Me deixa ser minha própria justiça! O que você faz com a sua é problema seu, mas minha justiça é meu corpo, o meu deus é mais bonito que o seu, seu deus é um homem num cavalo, eu sou um cavalo, sai da minha frente, arrebento suas rédeas, me devolve meu corpo! Sai de dentro dele, volta pro seu, busque a salvação só pra você. Seu deus não é suficientemente justo e misericordioso pra entender que o corpo da filha não é o corpo do pai? Renego seu deus, prefiro o meu: meu deus dança, grita feito um louco, desce nu as ladeiras de sua justiça, sua ordem, sua desgraça de fingir de ser o que nem lhe cabe. Não admito seu deus. Prefiro o meu, homem bonito, mulher com tranças, saia de roda, nem homem, nem mulher, prefiro o meu. Deixa que o meu viva e liberte-se do seu. Me solta. Tirem a mão de mim, quem manda em meu corpo sou eu. Eu sou deus.

Saem desenvolvendo textos que não precisariam ser escritos. Enquanto ouvimos seus gritos entram as Três Senhoras Gordas de Portugal. Cantam:

CORO DAS SENHORAS GORDAS - Tão triste aquele dia / que te perdi / Maria, minha Maria / quão sofro aqui // Maria, minha Maria / meu bem, meu mal / deixei-te na noite fria / do Portugal // Meu Portugal, meu Portugal / Teu nome, minha alegria / Meu Portugal

Enquanto cantam, permanece o piano de Irene. Assim que elas interrompem o canto, começam a limpar a sala e a preparar a mesa para uma reunião. Entra o Texto.

TEXTO - A realidade é o império do caos. É porque existe a poesia que existe a memória (coisa que seleciona, reparte, concentra, descarta). Não nos basta a sobrevivência. Contar histórias é uma forma simples de permanência, libelo contra a morte, exercício finito de eternidade. Indiferente ao desejo, há algo que passa. Indiferente à memória, há algo que sempre acaba. E recomeça. E acaba. E é porque recomeça e acaba que permanece. Não temos metáforas suficientes pra ideia concreta de infinito. A memória nos liberta? Ou nos condiciona? Seríamos melhores sem ela? Esta casa será um pequeno exercício de vazio absoluto, aquele buraco que falei no começo, que quanto mais se preenche, melhor se define. Não se enganem: não estamos focando a memória. Parece?

Agora entra o casal do vídeo, Helena e Jair. A todo tempo agarram-se, beijam-se, deitam-se juntos, despem-se. Só agora Irene interrompe o piano. Seus alunos começam a bater palmas.

IRENE - Vocês ainda estão aí?

SENHORA GORDA I - É muito pó.

ALUNO II - Não sabia desse seu talento, professora...

SENHORA GORDA II - Maldita essa terra de pó.

IRENE - Saiam daqui imediatamente.

SENHORA GORDA III - Pó e piolhos...

ALUNOS - Mas professora...

IRENE - Acabou a aula! Fora daqui! Fora daqui agora. Só voltem com os vinténs de minhas qualidades químicas. Saiam agora!

Eles saem. Continua a ação de Jair e Helena. Já estão sem camisa e sapatos.

HELENA - Terão se passado quase dois anos quando eu descobrir que essa felicidade que vivemos no sexo é falsa. Que seu corpo nunca me coube. Que contigo repeti manias que condenava nos outros. Que quando você disse que quem casa quer casa, e no meio do buquê tinha um molho de chaves, eu gostei (chega Helena, nunca mais repita isto, nem em pensamento). Mas aí se passarão outros dezessete anos. Teremos dois filhos. E talvez seja exatamente isto: as coisas que já tem sentido só podem perdê-lo, Jair.

SENHORA GORDA II - Maldito este sobrado grande...

SENHORA GORDA I - Dizes-me tu que não gostas das coisas quando grandes?

SENHORA GORDA III - Essa aí? Ontem mesmo o experimentava sob aquele homem imenso.

SENHORA GORDA II - Não blasfemes meu nome. Nasci para servir a deus...

SENHORA GORDA I - Pela grossura dos braços negros de teu deus, imagino os seus mistérios...

SENHORA GORDA III - Mistérios gloriosos?

SENHORA GORDA I - Mistérios gozosos?

SENHORA GORDA II - Mistérios dolorosos!

Riem fartamente. Jair e Helena estão seminus.

JAIR - Sempre me senti aquém de você, Helena. Tinha vergonha de mim, duvidava de seu amor. Quando te comi a primeira vez não te comi. Você me devorou, parecia uma esfinge. Eu pensava: camofa! Era minha formação apostólica romana, você fazia umas coisas com a buceta que eu só julgava possíveis nos filmes de ficção científica, será porque a minha mãe havia me ensinado os versos do salve rainha?

SENHORA GORDA III - Como me cansa este trabalho sem fim.

SENHORA GORDA II - Quem quis vir de Portugal foste tu. Agora te habituas.

SENHORA GORDA III - Faríamos o que em Portugal? Prostituição?

SENHORA GORDA I - Talvez as três juntas...

Riem alto. Jair e Helena estão nus.

HELENA - Soubéssemos dos próximos dezessete anos, começaríamos esta utopia, Jair?

JAIR - Você deixará de me amar antes, Helena. Eu viveria contigo pra sempre.

HELENA - Não é por você, Jair. Será por mim.

JAIR - Teremos dois filhos, Helena. Seremos uma família. Não haverá nenhuma utopia nisto, meu amor.

HELENA - Você me amaria o suficiente para me libertar, Jair?

JAIR - Quem diria que minha camofa viraria a melhor mãe do mundo...

HELENA - Você gosta de me chamar de camofa, né, seu putto?

Dá um tapa na cara dele.

HELENA - Senta!

SENHORA GORDA II - Suas indecentes. Ponhamos a mesa antes que o patrão retorne.

HELENA - Sua autocomiseração me aprisiona.

SENHORA GORDA III - E quem são esses senhores que vêm com ele?

JAIR - O que significa isto?

SENHORA GORDA II - Não nos interessa, ele disse.

HELENA - Paixão pela própria desgraça.

SENHORA GORDA I - Quanto mais ele diz que não nos interessa, mais me interessa.

JAIR - Camofa!

Jair se levanta e aperta Helena pelo braço.

SENHORA GORDA II - Te aquietas. Pelo tom do patrão, há risco em sabermos o que escondem.

JAIR - Vou te mostrar a desgraça.

SENHORA GORDA III - E o que escondem sob as calças?

Helena empurra Jair com força.

HELENA - A mesmice é a pior desgraça, Jair!

Ela sai correndo, rindo muito. Ele vai atrás.

SENHORA GORDA I - Depois de meu deus negro, para mim, risco nenhum...

Risos quase histéricos.

SENHORA GORDA II - Escutem...

Vai até a janela.

SENHORA GORDA II - Já vêm.

SENHORA GORDA I - Não concluímos tudo.

SENHORA GORDA III - Não interessa. Escondamo-nos. Agora!

SENHORA GORDA I - Que pecado. Tantos homens juntos e nós a esconder-nos.

SENHORA GORDA II - Quantos homens virão?

SENHORA GORDA I - Talvez, dez.

SENHORA GORDA II - Três pra vocês. Quatro pra mim...

Saem rindo, discutindo os números. Entram diversos estudantes, todos com copos e muita bebida, alguns são obrigados a beber mais. Cantam “ó que belos companheiros / como bebem tão ligeiro / se és covarde / saia da mesa / que a nossa empresa / requer valor // Primeira bateria / vira, vira, vira / vira, vira, vira / vira, vira, vira / virou!” e a performance é quase um ritual orgiástico. Em dado momento dizem, em coro:

CORO DOS ESTUDANTES

Três coisas na vida eu desejo / cachaça, mulher e dinheiro / Pro dinheiro, trabalho / pra mulher, o caralho / eu quero é cachaça / ardente, danada / quem bebe morre / que não bebe, morre / vamo bebê, putada!!!

Permanece a algazarra, quase violenta. Durante a cena, entra o Texto.

TEXTO - Tecnicamente talvez possamos dizer que desenrolou-se, até aqui, uma espécie de prólogo. Ou então, se tecnicamente os prólogos devam ser mais sucintos, uma espécie de primeiro ato. Diversas pessoas habitaram esta casa, centenas talvez. Convertendo-os em personagens desta narrativa, o que aqui se apresenta é um mosaico de intimidades. Se houve outros, diversos, porque a escolha destes? Porque sim. Porque a vida é esta roleta russa sem sentido, misto de algumas escolhas e muitos mais abandonos. Para cada uma dessas personagens apresentadas, portanto, projete um tanto de outras (não tenha pudor: invente. Seria a sua projeção parecida com alguém de seu círculo íntimo? O vizinho da direita? Um parente?). Projetando, assim, você não estaria focando a si próprio? A vida é um jogo. As cartas estão na mesa.

De repente, de um dos quartos, vem um grito:

SAUDADE - Sai daqui!!!

Todos se calam, assustados.

SAUDADE - Sai daqui, porra!!!

RANCOR - É o filho da puta do Saudade pirando de novo.

ANGÚSTIA - Vamo lá, caralho...

Saem quase juntos, com uma turba organizada. Assim que todos saem percebemos que entre eles estava Irene, a professora de piano, que segura uma taça de vinhos. Está bêbada. Solfeja alguma ária famosa. Os estudantes chegam à porta de Saudade.

SAUDADE - Me deixa em paz! Me deixa em paz!

VINGANÇA - Ele cheirou?

ANGÚSTIA - Ele trancou a porta.

RANCOR - Saudade! Saudade!

SAUDADE - Sai daqui, me deixa em paz! Me deixa em paz!

RANCOR - Abre essa merda, seu escroto!

ANGÚSTIA - Ele não vai abrir.

VINGANÇA - Esse escroto vai se cortar de novo.

RANCOR - Vamos quebrar essa porta...

Enquanto batem à porta Irene deita-se na mesa, indiferente aos copos e garrafas que caem no chão. Continua seu solfejo, cada vez mais histérica. Sobre a mesa, mesmo deitada, quase dança. Os estudantes quebram a porta do quarto de Saudade. Ele grita enlouquecido apontando para um canto da parede.

SAUDADE - Ela tava ali, ela ria. Não sei se ria ou chorava. Mas tava ali a filha da puta, de pé, parecia uma estátua de santa dessas que choram sangue, mas eu não sei se chorava ou se ria sangue, não sei se era meu o sangue que ela chorava, cantava, dançava a desgraçada...

ANGÚSTIA - Calma, Saudade. Não tem nada ali, é só um cabideiro de madeira.

RANCOR - Você cheirou de novo, seu puto?

VINGANÇA - Ele tá com medo de um cabideiro..

ANGÚSTIA - Não era nada, Saudade, fica calmo.

SAUDADE - Vocês chegaram, ela se foi. A porta se abriu, eu pisquei o olho, ela não tava mais lá. Mas, antes, estava. Dançava com uma faca enfiada na garganta.

RANCOR - Vou é enfiar uma faca no seu cu, seu bosta.

VINGANÇA - Será que com uma faca no cu ele vai rir ou chorar?

ANGÚSTIA - Para, Rancor.

SAUDADE - Lúcia! Ela disse, sem voz. Li nos seus lábios: Lúcia.

Irene agora está toda estendida sobre a grande mesa. Continua seu

solfejo com cada vez mais intensidade erótica. Sua cena irá evoluir para uma masturbação.

RANCOR - Paro um caralho, vou ligar pro pai dele, mandar internar esse merda.

Rancor vai telefonar.

VINGANÇA - Ele toma algum remédio controlado?

ANGÚSTIA - Toma.

VINGANÇA - Gardenal diluído na cachaça?

SAUDADE - Tinha uma luz filtrada por uma treliça, passava por ele e vinha até mim. Eu tinha que desviar um pouco, porque alguns feixes de luz vinham dar diretamente no meu olho. Aí eu desviava e via seu vulto.

VINGANÇA - Não era um vulto, animal. Era um cabideiro.

SAUDADE - Não era o cabideiro, tava do lado dele, de pé. Parece que ela tava presa, sangrava como se chorasse por uma fenda aberta no pescoço, mas ria como uma criança. Dançava pra mim, a Lúcia.

VINGANÇA - Esse cara é doente. Vai que essa doença é contagiosa.

ANGÚSTIA - Doente é você. Sai daqui, Vingança. Sai todo mundo daqui!

Com alguma resistência as pessoas vão saindo até ficarem os dois sozinhos. Irene está seminua, já não é possível distinguir se goza ou se chora.

SAUDADE - Eu não tô louco, Angústia. Quer dizer, tô louco pra caralho. Eu vi. Eu vi?

ANGÚSTIA - Toma seu remédio. Dorme. Amanhã a gente conversa.

SAUDADE - Era uma menina, Angústia. Bonita como minha irmã. Ria pra mim. Era como se fosse minha irmã, eu juro, mas tinha uma faca enfiada no pescoço. E a luz era filtrada por treliça...

ANGÚSTIA - Lúcia...

SAUDADE - Como é que você sabe?

ANGÚSTIA - Você falou?

SAUDADE - Eu, não. Ela disse com os lábios, sem voz. Ela, não sei se ria ou chorava

Noutro cômodo Rancor liga para o pai de Saudade.

RANCOR - Seu Jurandir? É o Rancor, da república do Saudade.

ANGÚSTIA - Lúcia.

RANCOR - Desculpe ligar a essa hora.

SAUDADE - Olhou pra mim e disse:

RANCOR - É sim, seu Jurandir.

SAUDADE - Me salva.

RANCOR - De novo.

SAUDADE - Mas eu não salvo ninguém.

RANCOR - Pasalix?

SAUDADE - Pedi pra ela: sai daqui!

RANCOR - Acho que ele não tomou.

ANGÚSTIA - Ela saiu, meu amigo.

RANCOR - Um pouco.

SAUDADE - Graças a deus.

RANCOR - Na verdade muito. Pra caralho.

ANGÚSTIA - Toma seu remédio, Saudade...

RANCOR - Okay, seu Jurandir. Vou dar pra ele.

ANGÚSTIA - Quer saber?

RANCOR - Sim. Falo sim.

ANGÚSTIA - Não sei por que, mas acredito em você.

RANCOR - De nada.

ANGÚSTIA - Agora, toma seu remédio e dorme.

RANCOR - Boa noite pra dona Madalena. Tchau.

Luz unicamente sobre Irene, que goza. Tempo. A mão está úmida. Levanta-se da mesa e se dirige até o piano. Assim que se posiciona

para tocar, congela-se e imediatamente abre-se uma luz filtrada por uma treliça sobre Lúcia, em seu quarto. Está nua, de pé, como alguém que encontrou a calma por meio da exaustão.

LÚCIA - Eu percorri as páginas amareladas de vossos versos, primeiro como um cego que, ao tatear os sulcos aleatórios de um reboco de parede, descobre ali sugestões de pequenas histórias de amor nunca contadas; depois como bicho que vive das fezes de outro bicho; por fim, como um soldado que invade, sozinho, o território inimigo e que, em detrimento dos tiros que recebe, ratifica sua coragem, revigora sua força e ainda mais seu medo (a última coisa que ele faria seria morrer). E foi por isso, por medo, que repeti vossos salmos como um mantra, acreditando que a verdade de uma palavra estivesse em sua margem, e que toda profundidade fosse uma forma de perversão, e que toda perversão fosse fruto imediato da maldade, e que toda maldade precisasse ser exposta em nome exclusivo de vossa bondade, e que vossa bondade só me salvaria se houvesse, para tanto, a minha vontade, e eu sabia, desde o princípio, que não havia minha vontade, e acreditei que assim, repetindo vossos salmos, minha vontade nasceria da margem das palavras emendadas umas nas outras, formando palavras novas, e eu rezava essas vossas palavras novas e não sentia nada a partir delas (ou, se sentisse, piorava-as), sabendo-as instrumento poderosíssimo de vossas perversões – as únicas possíveis – e mesmo sob a consciência plena de vosso projeto hipócrita pra mim (hipócrita porque não havia projeto algum meu, apenas o vosso) e sob a consciência íntima de minha força sucumbindo à potência do medo que me perpassava as veias, me prostro (muito mais pela dor que me proporcionais em efusão, sem dúvida a face-ta mais clara de vossa perversão, aquela de que falava ainda agora, outra imagem do bicho que vive das fezes de outro bicho), aceito vosso projeto hipócrita como projeto autêntico e chamando-o assim, na segunda pessoa do plural, aceitando vosso projeto de ser meu deus, (mas eu sei que serdes um personagem e aceito

vosso drama e me apresento como atriz de vossa tragédia e assim, representando a mim mesma, humilhada ante a dor mais abjeta e simples) pra vós, meu pai com letra minúscula, eu digo: desisto.

Irene começa a tocar seu piano de memórias. Ao mesmo tempo entram diversas serviçais e começam a preparar o corpo de Lúcia com diversas formas de manipulação estética, desde tirar suas cutículas, arrancar pelos da sobrancelha, depilação íntima com cera quente, três mulheres colocando nela um espartilho apertadíssimo, colocam botox, fazem lipoaspiração, peeling e diversas ações devotadas à beleza, mas que causam dor, e começam a vestir as roupas nela de todas as épocas mas a última peça é um vestido do século XVIII desses mais pomposos, como numa corte europeia. Ela fica parecendo um espantalho. Ao mesmo tempo surge Helena com uma placa sobre a cabeça onde está escrito 'camofa', segurando um bebê no colo, indo até o fogão colocar leite pra ferver. No quarto das crianças outro bebê, ainda mais novo, chora convulsivamente. Ela coloca o leite e vai até o quarto. E assim realiza diversas ações do lar, lavar roupas, passar enceradeira, dar banho nas crianças, atender ao telefone, o leite entorna, a criança faz cocô, a privada entope, a caixa de gordura transborda. As cenas seguem em paralelo até que em determinado momento entra Texto.

TEXTO - Embora seja um substantivo masculino, o lar é essencialmente um conceito feminino desde nossa pré-história, quando os homens saíam pra caçar e as mulheres ficavam nas cavernas nutrindo o estoque, e talvez isso explique tanto a velha cumplicidade masculina quanto a notória rivalidade feminina ao longo dos séculos. Esta nossa casa – substantivo feminino que, diferentemente de 'lar', não será possível aventar facilmente qualidades de gênero – foi construída ainda no século XVII por um engenheiro português de quem não se registrou o nome. Detalhe corrente nos projetos das casas dos fidalgos da Vila Rica de outrora era que o quarto das filhas tivesse obrigatoriamente uma passagem por

dentro do quarto dos pais. Enclausuradas na casa, na roupa, no corpo, a mulher do século XVIII enxergava o mundo por entre as frestas quadradas da treliça das casas coloniais. Haveria alguma credibilidade neste recorte forçado? Desde então a vida das mulheres evoluiu muito. A clausura já não regula seu comportamento. Ou regula?

Jair surge à porta principal, com uma placa de 'chefe de família' sobre a cabeça. Está encharcado. Irene interrompe sua música e o encara. Lúcia permanece imobilizada pelo excesso de roupas. Helena recebe seu marido com um beijo formal no rosto. Toda a ação dos dois que se segue é típica: ele chega, ela a ajuda a tirar o sobretudo molhado, ele tira os sapatos e ela os leva para secarem numa sacada. Ele se senta à mesa e ela serve o jantar.

JAIR - Sempre tive este sentimento do lar. Você, Helena, é o centro sobre o qual tudo se sustenta.

IRENE - Não Jair: não existe centro.

LÚCIA - Ou então, se existe, me tira dele.

JAIR - Pra mim havia um pacto claro: nosso casamento é pleno aqui dentro. Nunca te disse, Helena, embora pouco antes de você sair por aquela porta em que acabei de entrar eu tenha desconfiado que não fui suficientemente competente pra esconder meus rastros: eu tive várias amantes, algumas recorrentes, a maioria esporádicas, e era nelas, nas esporádicas, que te amava ainda mais, Helena, porque eu comparava com tudo o que você me deu e era tudo tão pequeno do lado do que construímos juntos, meu amor...

IRENE - Maldita esta sua certeza que tudo nesta vida é construção, uma coisa que vai se sobrepondo à outra e juntas vão formando

uma terceira.

LÚCIA - Serão dezessete os anos em que viverei a mais completa destruição...

JAIR - Morrerei antes de você, Helena.

LÚCIA - Já morri algumas vezes, Jair.

JAIR - Pessoas como você que enxergam sentimento como coisa impalpável, etérea, fugidia, nunca experimentarão, de fato, o amor....

IRENE - Assim, isolado como um totem, não me interessa o amor, Jair. Não me reduza.

LÚCIA - Nem o de mãe.

JAIR - Sempre achei bonita a forma como você alimentava Luciano ao mesmo tempo em que ninava Laurinha.

LÚCIA - Não utilize a beleza para justificar sua preguiça, Jair. Você não entende nada de beleza.

IRENE - Você não entende nada de beleza, Jair.

HELENA - Cada vez que você entra por essa porta depois de um dia inteiro de luta, não me interessa se você veio do puteiro, da igreja, do trabalho ou do inferno: eu só desejo que você morra! Morra sufocado num tanque de bosta mole de criança, morra com o leite derramado de minhas tetas fervido na raiva mais sincera, com a cabeça enfiada na privada, quero esquentar sua piroca no forno de micro-ondas...

IRENE, LÚCIA e HELENA - Não há amor que resista à raiva!

JAIR - Você está bem, meu amor?

Helena se imobiliza.

LÚCIA - Se eu dissesse que não, adiantaria?

IRENE - E se eu dissesse que sim?

JAIR - Que bom, meu amor. Hoje tive um dia muito cheio. Vou pra cama mais cedo. Você se importa?

LÚCIA - E se eu dissesse que não?

IRENE - E se eu dissesse que sim?

JAIR - Que Deus esteja nessa casa.

Dá um beijo quase fraternal na testa de Helena, que tem ainda o filho mais velho nos braços. Irene sai. No instante do beijo entra um rock'n roll muito alto. Jair vai até o berço do filho mais novo e o toma nos braços. Fazem uma pose familiar. Entra um pintor, instala um cavalete em frente à família. Começa a pintá-los. Rancor aparece com um porrete. Quebra o som de Angústia, interrompendo a música. A discussão é tensa.

ANGÚSTIA - Que porra é essa?

RANCOR - Filho da puta: não mandei você desligar essa merda?

ANGÚSTIA - Precisava quebrar meu som?

RANCOR - Eu tenho prova de cálculo.

ANGÚSTIA - Tenho culpa de sua burrice?

RANCOR - Vou enfiar a mão na sua cara, seu boiola.

ANGÚSTIA - É assim que você resolve seus problemas, retardado?

RANCOR - É assim! Disso pra pior.

ANGÚSTIA - Sabe quem vai pagar meu som, seu imbecil?

RANCOR - A puta que te pariu.

ANGÚSTIA - Seu pai.

RANCOR - Deixa meu pai fora disso. Eu tenho prova de cálculo!

ANGÚSTIA - Você não vai passar, Rancor. Você é burro demais.

RANCOR - Eu vou passar! Eu vou passar!

ANGÚSTIA - O que é que você está fazendo na universidade, heim? Vai ser motorista de caminhão, pedreiro, estivador. Você é um ogro, Rancor.

RANCOR - Sou mesmo, um ogro que vai quebrar a cara do veadinho que anda de camisa vermelha e acha que vai salvar o mundo com sua utopiazinha de merda.

ANGÚSTIA - O veadinho de camisa vermelha é a única esperança de ignorantes como você.

RANCOR - Prefiro minha ignorância à sua prepotência.

ANGÚSTIA - E seu pai? O que ele prefere?

RANCOR - Ele prefere que eu seja aprovado em cálculo.

ANGÚSTIA - Você vai tomar pau, Rancor.

RANCOR - Eu vou quebrar sua cara.

ANGÚSTIA - E seu pai vai quebrar a sua, seu ignorante!

RANCOR - Não fale do meu pai, seu bicha.

ANGÚSTIA - Prefiro ser bicha do que ser burro.

RANCOR - Tá admitindo que dá o rabo, Angústia?

ANGÚSTIA - Tô. Adoro dar meu rabo. Gosto pra caralho. Literalmente. Adoro. Quer me foder, Rancor?

Tempo. Rancor respira reticências.

ANGÚSTIA - Quer me foder, Rancor?

Tempo.

ANGÚSTIA - Você quer foder meu cu?

RANCOR - Quero.

Dão-se um beijo cheio de violência e força. Em um dado momento, Angústia empurra Rancor na parede.

ANGÚSTIA - E você, Rancor? Gosta de dar o cu?

Tempo.

RANCOR - Eu tenho prova de cálculo.

ANGÚSTIA - Você vai calcular a grossura de minha piroca arre-bentando suas pregas.

Embate físico entre eles na parede, Rancor resiste, mas não muito. Angústia tira as calças de si e do amigo e, depois de alguma resis-tência, o sodomiza. Ele sente muita dor. Nesse momento surgem Vingança e Saudade, surpreendendo-os.

SAUDADE - Que porra é essa?

RANCOR - Puta que o pariu...

VINGANÇA (a Angústia) - Cê tava fodendo o Rancor?

SAUDADE (a Rancor) - Cadê o machão da roça?

ANGÚSTIA (a Vingança) - Se vocês tivessem deixado...

RANCOR (a Saudade) - Não é nada disso que vocês estão pen-sando...

VINGANÇA (a Rancor) - Não acredito que você falou isso...

SAUDADE (a Vingança) - E o que é que você está pensando?

RANCOR (a Angústia) - Seu desgraçado. Tá vendo o que você me fez?

VINGANÇA (a Saudade) - Cara, eu não tô nem acreditando...

ANGÚSTIA (a Rancor) - Você gostou.

SAUDADE (a Vingança) - E olha que tomei meu remédio hoje...

RANCOR (a Angústia) - Viado do caralho...

VINGANÇA (a Rancor) - Ele é o viado do caralho e você o viado do cu largo.

Saudade e Vingança riem muito.

RANCOR (a Saudade e Vingança) - Olha aí, moçada. Eu dou o que vocês quiserem pra não contarem pra ninguém.

VINGANÇA (a Rancor) - Ih! Meu, irmão: essa coisa que você gosta de dar aí, eu não quero, não.

Vingança gargalha.

ANGÚSTIA (segredando a Saudade) - Porra, Saudade. Já comi você também...

RANCOR (a Vingança) - Eu te dou dinheiro, cara.

SAUDADE (segredando a Angústia) - Tá bom, tá bom. Eu não conto pra ninguém...

VINGANÇA (a Saudade) - O que foi, Saudade?

SAUDADE (surpreendendo-se, a Vingança) - Disse que eu não vou contar pra ninguém.

RANCOR (a Saudade) - Obrigado, cara...

ANGÚSTIA (a Vingança) - E você?

VINGANÇA - Eu?

Tempo.

VINGANÇA (gritando para os outros moradores da casa) - Euforia! Chega aí. Torpor, traz as roupas e os acessórios de miss bicho pra mim. Alegria, Desfaçatez, Vergonha, cheguem aí, galera. Pânico, sua namorada tá aí? Traz ela também. Cheguem aí, amigos... Regozijo! Hipocrisia, Demência, Satisfação. Venham todos: surpresinha do Vingança pra galera.

Vão chegando todos os moradores, um deles traz uma caixa com os acessórios de miss bicho, que são roupas e acessórios de mulher.

VINGANÇA (a Angústia e Rancor) - Tirem a roupa.

Eles tiram. Os outros batem palma. Algazarra geral.

VINGANÇA - Galera. Temos uma surpresinha pra república. Receberemos hoje um show da Gretchen e da Rita Cadillac de graça pra galera.

Euforia geral. Os outros estudantes começam a arremessar as roupas e acessórios nos dois, como se fosse uma linha de tiro. Gritos e risos intensos. Durante essa cena, entra texto.

TEXTO - Como dizíamos, à mulher, no séc. XVIII, era tolhido o exercício de liberdade. A pergunta é: existe, ainda hoje, a liberdade, de fato? A casa, por exemplo (nosso objeto aqui focalizado) existe porque somos livres ou porque não somos? O que ela resguarda? Outra personagem deste sobrado não selecionada na composição desta história se chamava Maria Almira. Durante cinquenta anos corridos apenas pôs os pés pra fora dessa casa em duas oportunidades: no velório da mãe e, depois, no próprio. E a

todos que lhe falavam ‘sai, Maria Almira, toma um pouco de ar, respira’ ela respondia ‘obrigada. Apraz-me estar aqui dentro. Mais nada”. Pra ela essa casa foi um claustro. Contudo, em sua histeria íntima, Maria Almira praticava a liberdade de optar por ele. Há cárcere se há opção? Será possível libertar-se de tudo, até de si? Será necessário?

VINGANÇA - Muito bem, Gretchen e Rita Cadillac: vamos lá na boate pra vocês dançarem pra gente...

Sob enorme algazarra, gritando e rindo muito, dirigem-se à boate da casa. Chegam no cômodo em que está Lúcia. Assim que a avista, Saudade enlouquece.

SAUDADE - Puta que o pariu! Puta que o pariu!

VINGANÇA - Que foi, Saudade?

SAUDADE - A filha da puta está ali! A filha da puta está ali!

DESFAÇATEZ - Caralho... tá pirando de novo!

SAUDADE - Não tô pirando não, porra! Olhem aí!!!

Os outros estudantes tentam contê-lo, mas ele se debate e grita desvairadamente. Os estudantes o tomam pela força e o retiram, sobrando apenas Angústia e Rancor, vestidos de mulher.

ANGÚSTIA - Você sabe que estou fazendo isto por você, não sabe, Rita Cadillac?

RANCOR - Eu sei. Obrigado.

ANGÚSTIA - Não agradeça a mim. Agradeça à Lúcia.

RANCOR - Eu tenho prova de cálculo.

Sai.

ANGÚSTIA - Se você não agradece, eu agradeço por você.

Olha diretamente para onde Lúcia está, mas sem vê-la.

ANGÚSTIA - Obrigado, Lúcia.

Sai. Breve tempo. Entram as Senhoras Portuguesas e começam a arrumar a bagunça.

SENHORA GORDA II - Já foram?

SENHORA GORDA I - Mas que pergunta: não o viste?

SENHORA GORDA II - Só o estava a confirmar.

SENHORA GORDA III - Acaloradas tais discussões, pois não?

SENHORA GORDA II - Do que tratam?

SENHORA GORDA I - Não ouviste?

SENHORA GORDA II - Ouvi palavras como 'revolução', 'liberdade', 'morte', 'coroa portuguesa', palavras que não consigo entender quando juntas.

SENHORA GORDA I - Será que para falar em revolução e liberdade precisam de tanta bagunça?

SENHORA GORDA III - Falam em morte e bebem feito defuntos.

SENHORA GORDA II - Mas defuntos não bebem!

SENHORA GORDA III - Mas beberam. Muito! Que só se morre nessa terra de excesso de bebida ou excesso de trabalho.

SENHORA GORDA I - Ultimamente também de falta de comida. Como é possível? Tanto ouro e tão pouco milho.

SENHORA GORDA II - Maldita essa terra de pó.

SENHORA GORDA III - Falando em pó, apressemos a limpeza.

SENHORA GORDA I - Se ele retorna e não terminamos a ordem, haverá desordem.

Batem na porta.

SENHORA GORDA III - Porque nos trata mal alguém que fala tão fartamente em liberdade?

SENHORA GORDA II - Subjugar-nos será uma forma de subjugar a coroa portuguesa?

Batem novamente na porta.

SENHORA GORDA III - Subjugar as três portuguesas coroas.

SENHORA GORDA I - Coroas, vocês. Eu, praticamente uma donzela.

SENHORA GORDA II - Donzela? Em qual dos buracos?

SENHORA GORDA I - Ventrículo direito.

Riem loucamente. Continuam a faxina, cantando o fado. Batem mais uma vez à porta. Entra Augusto. Vai abrir a porta. Ali está Maciel, comprador de escravos.

MACIEL - Deus esteja nessa casa, Visconde.

AUGUSTO - Ele está, pode ter certeza. Agora, te chegues.

MACIEL - Obrigado.

Entra.

MACIEL - Sabe que não anda nada fácil adquirir novos escravos.

AUGUSTO - Sabei.

MACIEL - Perdão?

AUGUSTO - Sabei. Prefiro que me trates na segunda pessoa do plural.

MACIEL - Perdão. Não sou homem formado nas letras. Meu ofício é simples. Comprar e vender escravos.

AUGUSTO - Eis a razão de tanta selvageria nessas terras de ninguém.

MACIEL - Selvageria por selvageria, peço-te que me mostre teu escravo.

AUGUSTO - Pois não. Acompanha-me.

Seguem até onde Lúcia está. As Portuguesas Gordas continuam a limpeza.

SENHORA GORDA I - Por acaso não acheis que hoje estavam especialmente tensos?

SENHORA GORDA III - Porque falas assim, sob o pronome 'vós'?

SENHORA GORDA I - Porque sofro a influência destes homens cultos que acabaram de sair daqui.

SENHORA GORDA II - Cultos sim, mas cada vez mais tensos.

SENHORA GORDA III - Tensos, sim. Mas cultos.

SENHORA GORDA I - Um deles eu posso jurar que tem um leve sotaque parisiense.

SENHORA GORDA II - Outro eu podia jurar que é o pároco da matriz. Embora fale palavras à vontade aqui, o veludo de sua voz é o mesmo.

SENHORA GORDA I - Imagineis tal voz cochichando pequenas indecências em vosso ouvido?

SENHORA GORDA II - Indecências dizes tu! Estamos a falar de um pároco!

SENHORA GORDA III - E por um acaso nunca te amasiastes com homens de fé?

SENHORA GORDA II - Sim, por certo, mas sempre com enorme dificuldade...

SENHORA GORDA I - Dificuldade porquê?

SENHORA GORDA II - Porque homens de fé preferem amasiar-se

com homens de nenhuma fé...

Risos frenéticos. Augusto e Maciel chegam à sala em que Lúcia está.

MACIEL - Tua filha, Visconde?

AUGUSTO - Não diga impropérios. Isto não é minha filha. Isto é a mercadoria.

MACIEL - Perdão, senhor. Não o entendo. Pretendes vender-me essa moça como escrava?

AUGUSTO - Precisaria ser ainda mais claro?

MACIEL - Perdão, Visconde. Não era isto que eu esperava...

AUGUSTO - Não tens que esperar nada. Apenas faça uma oferta por esta mercadoria.

MACIEL - Apesar do excesso de roupas com que a adornaste, parece, pelos traços do rosto, demasiado magra.

AUGUSTO - Mas tem a força de dois cavalos, a obstinação dos burros e o cheiro dos porcos.

MACIEL - Sabe cozinhar?

AUGUSTO - Come dos matos mais tenros. Já a vi comendo terra. Gastarás com ela o mesmo que gastas com teus bichos. Ou menos.

MACIEL - Não foi o que te perguntei. Perguntei se ela tem habilidades no preparo dos alimentos.

AUGUSTO - Nenhuma.

MACIEL - Achas que pode realizar outras tarefas do lar?

AUGUSTO - Não estou vendendo-te uma mulher. Vendo-te um animal.

MACIEL - Queres que eu te compre um animal pelo preço de uma mulher?

AUGUSTO - Não. Vendo-te um animal pela metade da metade do preço de um animal.

MACIEL - Ela tem alguma doença?

AUGUSTO - Não precisas pagar. Dou-te.

MACIEL - Algum retardo?

AUGUSTO - Tratamos de porcos, Tenente. Qual a diferença entre um porco doente e um porco são?

MACIEL - Estás caçoando de mim, Visconde?

AUGUSTO - Tudo bem, aumento a oferta: Pago-te para que a leves. Quanto queres?

MACIEL - A diferença entre um porco doente e um são é que a doença contagia, a sanidade não. E eu, Augusto, não irei me contagiar com essa tua doença, seu porco velho. Afastas-te de mim, que tenho nojo deste teu intento absurdo. Tua filha é um bicho, um animal insano, uma mercadoria? Sangue podre de teu sangue, monstro. Todo o dinheiro do mundo por este negócio e eu declino. Agora, faça-me o favor. Tenho mais a fazer. Cretino. Monstro. Porco esdrúxulo...

Maciel sai xingando, ouve-se sua voz ainda um tempo depois. Augusto força um sorriso hipócrita. Tempo. Batida dupla na porta. Tempo. Batida dupla de novo.

SENHORA GORDA III - Batem à porta.

SENHORA GORDA II - Silêncio!

SENHORA GORDA I - O que foi?

SENHORA GORDA II - Não te lembras? Três batidas duplas, a felicidade me chama.

SENHORA GORDA I - Ah! Teu deus negro.

SENHORA GORDA II - Shhh...

AUGUSTO - Percebes, Lúcia, o quão bom eu sou?

Expectativa das três. Batida dupla na porta novamente.

SENHORA GORDA II - Ah! É ele! É ele!

AUGUSTO - Acabei de ser humilhado em tua frente.

SENHORA GORDA III - Espera! Ainda estamos a concluir nossa tarefa.

AUGUSTO - E o que eu fiz?

SENHORA GORDA II - Cumpre as minhas funções de casa para mim!

AUGUSTO - Eu ri.

SENHORA GORDA III - De novo?

AUGUSTO - Eu ri, Lúcia.

SENHORA GORDA I - Deixa que eu vá em teu lugar...

AUGUSTO - Sabe porque eu ri, Lúcia?

SENHORA GORDA II - Como?

AUGUSTO - Poderia ter mandado prender aquele energúmeno.

SENHORA GORDA I - Cumpres minhas funções de casa, cumpro as tuas de cama.

AUGUSTO - Mas não mandei.

SENHORA GORDA II - E o que eu ganho em troca?

AUGUSTO - E sabe por que não mandei, Lúcia?

SENHORA GORDA I - Cumpro as tuas de casa amanhã e depois d'amanhã.

AUGUSTO - Por ti.

SENHORA GORDA II - Mas ele vai estranhar...

AUGUSTO - Porque te amo como a mim mesmo.

SENHORA GORDA I - Ele não vai nem perceber. Passo-me por ti.

Augusto ri.

SENHORA GORDA II - Lembras daquele movimento com a pelve que ele diz que só eu faço?

SENHORA GORDA I - Muito bem. Cheguei a anotar.

SENHORA GORDA II - Então vá e volte logo. E não grites muito.

SENHORA GORDA I - À falta de fronhas, caso necessário, mordo a barra de meu vestido.

SENHORA GORDA II - Por certo, minha irmã, morderás...

Saem as três rindo muito. Tempo. Entram quatro carregadores de piano, um oficial de justiça e Irene. Dirigem-se à sala onde está o piano.

OFICIAL DE JUSTIÇA - É aquele ali, senhora?

IRENE - Sim. É este.

OFICIAL DE JUSTIÇA - É um piano muito bom. Porque está vendendo, senhora?

IRENE - Porque tudo nesta terra está morrendo. Eu, inclusive. Preciso sair daqui.

OFICIAL DE JUSTIÇA - Vais para Belo Horizonte, também?

IRENE - Ainda não sei. Talvez.

OFICIAL DE JUSTIÇA - Pois bem, senhores. Este é um belo piano. O que ele tem de bom, parece ter de peso. Portanto, mãos à obra.

IRENE (para si) - Mãos à obra...

Começam a preparar o carregamento do piano.

AUGUSTO - Ri, Lúcia. Não percebes a graça? O humor? A pilhéria?

LÚCIA - Gostei da comparação que me fizerdes com porcos.

AUGUSTO - Por quê? Para, por sua descendência, julgar-me porco também?

LÚCIA - Não. Porque explica minha devoção aos restos, à sobra, a lama dessa vossa bondade absoluta, às coisas que apodrecem, emboloram, mofam.

AUGUSTO - Tens uma consciência de ti que me impressiona.

LÚCIA - Quem se alimenta de sobras, não sente fome.

AUGUSTO - Deste agora para fazer versículos, herege?

LÚCIA - Sou mais forte que você!

Pausa. Augusto respira amarguras.

IRENE - Esperem. Posso tocar uma última vez?

AUGUSTO - Não me chame de você!

OFICIAL DE JUSTIÇA - Melhor não.

LÚCIA - Sim! Você! Você!

Lúcia começa a se desvencilhar das roupas, rasgando-as, tirando-as, saindo de dentro delas.

AUGUSTO - Corto a tua língua!

UM DOS CARREGADORES - Uma última vez, chefe.

LÚCIA - Eu danço.

IRENE - Será rápido.

AUGUSTO - Corto-te os pés.

OFICIAL DE JUSTIÇA - Tudo bem. Mas seja breve.

LÚCIA - Eu sonho.

Irene se dirige ao piano como se fosse criança.

AUGUSTO - “Orna-te, pois, de excelência e alteza; e veste-te de majestade e de glória. Derrama os furores da tua ira, e atenta para todo o soberbo, e abate-o. Olha para todo o soberbo, e humilha-o, e atropela os ímpios no seu lugar.”

*Irene começa a tocar. Dançando sua força, Lúcia começa a desven-
cilhar-se das roupas que a aprisionam.*

LÚCIA - Você não entende nada de beleza.

AUGUSTO - Não me chama de você!

LÚCIA - Quando os carrascos que me você me impelir se cansarem dos castigos e convocarem novos carrascos, e estes de novo se cansarem e quando vierem novos carrascos e cada vez mais sofisticados novos castigos, eu dançarei feito porca nas barbas de sua impotência.

AUGUSTO - Vossa!!!

LÚCIA - Sua! Unicamente sua. Você é um homem tão pequeno quanto todos que subjugas.

AUGUSTO - Sua porca!!!

LÚCIA - Seu rato! Ratinho miúdo e torpe: tenho pena de você...

AUGUSTO - Vós! Vou ensinar-te o tratamento que me deves.

LÚCIA - Ensina! Adoro aprender seus desígnios. Sabe pra quê? Para ignorá-los, reduzi-los, depois, tomada da mais simples quietude, esquecê-los, porque o que não tem necessidade, fenece. E essa, meu pai com p minúsculo, é a função de todas as coisas: morrer. Você, inclusive. E mesmo que eu arda de dor, que meus inchaços obstruam-me a passagem de ar, sob a mais intensa penitência, eu permanecerei viva. Sabe por quê, meu pai? Porque você vai morrer primeiro do que eu. É a lei natural das coisas: aos velhos, a morte primeira. Qualquer coisa diferente disso é a mais digna perversão da natureza. E perceba a ironia: eu, afeita que sou às perversões, não aceito esta. Você, que as odeia, a almeja. Dou-lhe quase tudo: a obediência (embora você terá que conquista-la de novo, cada vez que eu voltar atrás), a consciência de sua bondade (fruto da maldade que me delega, de que me acusa, mas que, confidencia aqui pra você – sem nenhuma culpa, leve como aquela criança que, quando minha mãe morreu, você amou – essa maldade não existe, essa mulher aqui que bufa pelada em sua frente, meu pai, é uma atriz, uma bailarina sob convulsão, por detrás dela tem uma menina que virou mulher, que quando grita, chora, se debate, tem uma voz por detrás dela que repete: ‘grita mais, chora mais, surte efeito sua histeria’, tenho a mais plena consciência de mim e sei que, embora você fique aí ostentando sua pose imperial, em sei que, no fundo, você morre de medo de mim, tem mais me-

do de mim que eu de você, porque você é um rato e eu sou forte, os ratos vivem menos que os porcos.) Assim, dou-lhe quase tudo, meu pai, menos minha morte. Minha morte será só minha, morrerei quando eu quiser, cercada das coisas mais íntimas em que acredito, dormirei nas ruas, comerei dos matos mais tenros e, quando eu decidir, sofrerei de fome até não resistir, comerei terra (aprendi o banzo com seus escravos), mas terei liberdade até pra isso, para morrer por mim e não por você.

AUGUSTO E OFICIAL DE JUSTIÇA - Chega!

Irene interrompe sua música.

OFICIAL DE JUSTIÇA - Temos ainda muito a fazer.

AUGUSTO - Permito que enlouqueças. Tens razão: tua loucura me revigora.

IRENE - Desculpe. Este piano é muito importante pra mim.

AUGUSTO - Permito, inclusive, que blasfemes. Acho graça.

OFICIAL DE JUSTIÇA - Importantes são as dívidas, minha senhora. Esse piano agora é muito importante pra mim.

AUGUSTO - Mas não permito que me reduzas.

IRENE - Não. Leva tudo. Tenho joias, livros raríssimos, vestidos imperiais... Mas deixa meu piano.

AUGUSTO - Não me trata por vós, não me tratarás por nada.

OFICIAL DE JUSTIÇA - Seria muito custoso avaliar bens tão dispersos.

IRENE - Esta casa. Dou-lhes esta casa. Mas deixa que me mude dela com o piano.

AUGUSTO - Conhecerás toda a extensão de minha bondade.

OFICIAL DE JUSTIÇA - Pois, sim. Parece uma oferta razoável.

AUGUSTO - Comandante João! Comandante João! Venha aqui com teus homens, por favor.

OFICIAL DE JUSTIÇA - Vamos embora, senhores. Volto em breve com os papeis. Com licença, senhora.

Os carregadores de piano e o Oficial de Justiça viram, em cena, os homens de Augusto. Irene fica de pé, na sala, ante a porta principal.

AUGUSTO - Comandante, acompanhas-me desde minha chegada a estas terras inóspitas. Foste testemunha do meu casamento com Eugênia, ambos tementes a deus sobre tudo e todos. Depois, presenciaste a sua morte no parto, as dores terríveis, minha mácula maior inscrita em minha pele. E, depois, viveste comigo o que acreditávamos ser um presente de deus, um bebê que sobrevivera à agonia da mãe, resistindo como um bicho às provações de vida e morte a que foi submetida. Anos mais tarde descobrimos, juntos, que não era um presente, mas deus novamente avaliando a pujança de meu temor a ele porque, cedo, aquela criança aprendeu a renegar minhas ordens, como se desafiar-me fosse sua diversão mais íntima e eu, mais forte que Jó, obstinado e simples como cabe aos crentes, abracei a tarefa de transformar aquele bicho em mulher e, mais tarde, santificá-la, oferece-la aos serviços cristãos, concluir minha missão. Mas eis que deus se mostrou em toda sua magnitude, desfiando, entre nós, sua força: aquele bicho era mais resiliente que pensávamos. Envelhecemos juntos, comandante, sob o terror de seus gritos (teria sido maior o nosso terror?), mas

mais pelos impropérios que berrava do que pelos urros que produzia. Agora, comandante, nossa provação será toda carne, extirparemos de nosso carma as palavras ácidas que nos provocam, será menos custosa nossa missão, conluio de gritos e gestos e só. Senhores, arranquem a língua dessa porca.

Tempo. Lúcia não esboça reação. Os homens, esperando que ela reaja, vão se aproximando dela. Tudo é feito com enorme lentidão e cuidado. Eles se aproximam dela, mas ela se esquiva lentamente. Começam a articular uma dança. Entra Texto.

TEXTO - Como se percebe, aproximamo-nos dos momentos estereótipos desta história. No final do séc. XIX, a cidade de Ouro Preto viveu um momento similar: quando a capital mudou-se para Belo Horizonte, a cidade foi, quase que deliberadamente abandonada. Imagine-se assim: acordar num dia de chuva, vestir sua roupa mais querida, preparar o café, abrir todas as janelas num ritual simples de devoção ao vento, abrir a porta da casa, enterrar as chaves no jardim, ir-se embora dali, nunca mais voltar (nem em pensamento). Porque não fomos educados para o abandono sendo que tudo morre? Porque essa mania perniciososa de ficar exercitando a eternidade em coisas materiais e sofrer sua derrocada? Irene, nossa professora frustrada de química, como vimos, preferiu o piano à casa. Ficção demais, impossível? Você ficou aí se perguntando: só com piano, sem casa, tocará na rua? Dormirá onde? E quando chover? Para exercitar o abandono, faremos assim: terminada essa peça, antes que amanheça um novo dia, você, espectador, abandonará alguma coisa (simples, objetivo e simples). Combinado?

Foco sobre a cena de Jair e Helena, que já não tem os filhos nas mãos. Todos envelheceram, os filhos já tem quinze e treze anos. O pintor termina o quadro. Sai. O quadro está sobre um cavalete. Jair e vai até ele e o toma nas mãos. Pendura-o numa parede. Senta-se

em sua frente. Fala para o quadro.

JAIR - Quando você sair pela porta da frente, sozinha, mas inteira, triste, mas forte, eu sentirei uma enorme inveja de sua coragem.

HELENA - Eu irei morrendo de medo. Pensarei: estou velha. Às mulheres, custa mais envelhecer. Mas será um medo fugaz. Sob a plenitude do vazio, pensarei: não sou mulher, sou o tempo que ainda me resta, dedicarei horas seguidas ao silêncio. Você não imagina, Jair, meu prazer em não fazer nada.

JAIR - Como você sabe, a raiva será meu guia, Helena. Ganharei, em juízo, o direito de não lhe dar dinheiro algum, dificultarei seu encontro com nossos filhos, tramarei com eles em segredo a imagem de uma mulher vil que abandona o lar, depois, sob a angústia do desespero, pedirei que volte pra casa, esta casa que me ajudou a mobiliar, item por item, a cor das cortinas, o jogo de garfos, implorarei: volta pra casa, Helena! Esta casa é sua, um pedaço de você que divide comigo, é onde nosso corpo se encontra, vira um só. O casamento é uma espécie de morte.

HELENA - O casamento é uma espécie de morte, Jair. Mas nele, a ressurreição é possível. Tentamos renascer no corpo do outro? Tentamos. Renascemos no corpo de nossos filhos.

JAIR - Você me odeia, Helena?

HELENA - Não. Longe disso. Ficarei puta com sua maldade, mas entenderei que, mesmo da sua forma quadrada, simples, quase crua, será porque você me ama, porque projetou que morrêssemos juntos, o que morresse por último cuidaria da morte do primeiro. Sei do seu medo de envelhecer, Jair, mas, quer saber: foda-se. É isso mesmo, meu filho: foda-se. Vire-se. Aos cinquenta anos você é ainda um homem bonito. Levante-se dessa cadeira. Sai des-

sa casa. Sai de Ouro Preto, Jair, viaja.

JAIR - Você me amou algum dia, Helena?

HELENA - Não interessa.

JAIR - Interessa pra mim, Helena! Porque eu quero que você volte pra casa... volta, Helena!

HELENA - Cala a boca, Jair!

Silêncio. Helena junta-se a Irene, no centro da sala

LÚCIA - Não encostem em mim. Deixa que faço tudo sozinha.

Lúcia sai, acompanhada dos homens e de seu pai. Foco sobre Rancor, que está estudando na sala. De tempos em tempos, ao longo da cena, vão entrando diversos alunos. Todo mundo que passa por ele o chama de 'viado', 'bichinha', 'boiola', etc. Ele permanece estudando. Entra as Senhoras Portuguesas.

SENHORA GORDA II - Explica-me: ele será deportado?

SENHORA GORDA III - Foi o que diziam os autos de sua condenação.

SENHORA GORDA I - Para onde?

SENHORA GORDA III - Para uma possessão portuguesa n'África.

SENHORA GORDA II - Que sorte...

SENHORA GORDA III - Como assim, que sorte?

SENHORA GORDA II - Imaginas a mim num país de pretos...

SENHORA GORDA I - Ai, por favor, minha irmã, imaginas a mim...

SENHORA GORDA III - Sejam solidárias: imaginemos nós três, nuas, mãos dadas, desfilando na ponta dos pés entre pretos...

Fecham os olhos juntas. Entram outros estudantes, até que entra Saudade.

SAUDADE - Faz como eu, Rancor. Não liga que vira piada.

Rancor não se move. Entra outro estudante e o chama de 'bicha'.

SAUDADE - Para de estudar um pouco, rapaz.

Rancor não responde.

SAUDADE - Rancor, meu amigo. A vida está aí, cada dia é um dia novo. Esquece as coisas do passado, mas esquece também as coisas do futuro. Vive agora, meu filho.

Rancor não responde.

SAUDADE - É um ogro mesmo. Vai estudar. Quem sabe estudando, você se reinventa. Imbecil.

Sai. Senhora Gorda I abre os olhos.

SENHORA GORDA I - Ai! Chega dessas indecências... Hoje é um dia triste...

SENHORA GORDA II - Triste e solene, minha irmã. Deixar este sobrado de que tanto xingamos a fartura da poeira me aperta o

peito.

SENHORA GORDA I - Lembro-me quando entramos aqui pela primeira vez.

SENHORA GORDA III - Minha primeira impressão havia sido a pior possível. O tal Visconde, a tal filha de quem nunca encontraram o corpo...

SENHORA GORDA II - Nossa limpeza transmutou tal energia escura em leveza.

SENHORA GORDA III - O que será de nós agora?

SENHORA GORDA I - Trabalharemos separadas. Mas nos encontraremos n'igreja, pras orações de fim de tarde.

SENHORA GORDA II - Nada será difícil pra nós três.

SENHORA GORDA I - Os almofadinhas dessa terra não sabem o sofrer.

SENHORA GORDA III - Para eles tudo é difícil porque tudo é fácil.

SENHORA GORDA II - Nós o sabemos.

SENHORA GORDA III - E é porque sofremos que optamos pela alegria.

SENHORA GORDA III - E, exatamente porque somos alegres, que choremos.

SENHORA GORDA II - Para tanto, a boca e os olhos...

SENHORA GORDA I - E a saudade e a dor...

As Senhoras Portuguesas juntam-se a Helena na sala. Rancor permanece estudando. Parece que chora. Entra Angústia.

ANGÚSTIA - Porra, Rancor. Fica assim, não.

Rancor não responde nada.

ANGÚSTIA - É preciso coragem, meu amigo.

Angústia sai assim que percebe a chegada de Vingança. Vingança vê Rancor, mas vai passando sem dizer nada.

RANCOR (sem tirar os olhos do caderno) - Você contou...

VINGANÇA - Não resisti...

Ri muito. Tempo.

RANCOR - Sabe o que aconteceu ontem, Vingança?

VINGANÇA - O quê, boneca?

RANCOR - Passei em cálculo.

VINGANÇA - Mentira...

RANCOR - Verdade. Tirei oito vírgula dois.

VINGANÇA - Mas que bicha inteligente...

RANCOR - Oito vírgula dois. E, te conto mais:

VINGANÇA - Conta.

RANCOR - Minha namorada menstruou.

VINGANÇA - O Saudade agora deu pra menstruar também?

Ri muito.

RANCOR - Eu fiquei feliz quando ela me disse que menstruou. Um alívio.

VINGANÇA - Um alívio pra seu filho: imagina se ele soubesse que o pai dele curte dar o cu?

RANCOR - Você não percebe, Vingança: minha vida está ótima.

VINGANÇA - Mais ou menos, né?

RANCOR - Pois é. Mais ou menos. Tenho só um probleminha aí pra resolver...

VINGANÇA - Fissuras anais?

Ri, mas já percebendo certo clima.

RANCOR - E a sua vida, Vingança, meu camarada, como anda?

Revela uma arma embaixo dos cadernos. Tempo.

RANCOR - A sua vida está uma merda, Vingança. Uma bosta. Você pensa que é feliz, né? Come mulher pra caralho, tá indo bem no seu curso, seu pai te manda dinheiro regular, né? Mas não. Sua vida tá uma merda, sabe porquê? Porque você me viu dando o cu. Que azar, heim?

Rancor empunha a arma em direção a Vingança.

RANCOR - Não, não grita. A bala desse revólver atinge a velocidade de quatrocentos e poucos quilômetros por hora. Sabe o que isso significa? Que quando você pensar em gritar de dor, sua dor acabou. Assim, ó. Eu acho que as teorias de limite e derivada podem ser muito relevantes pro estudo da trajetória da bala assim que ela penetrar seu crânio. Ó que engraçado: penetrar seu crânio. Maldita a hora em que você viu o Saudade penetrando minha bunda, né? Maldita pra você.

Congelam. Entra Texto. Durante Texto, Vingança sai, entram dois policiais e algemam Rancor. Eles se juntam a Helena e às Senhoras Portuguesas, de pé na sala, ante a porta de saída. Juntam-se outros estudantes.

TEXTO - Sim, houve o tiro. Um tiro certeiro e seco, diretamente entre os olhos de Vingança. Rancor era um rapaz do interior, já tinha manejado armas desde a infância, mas, a priori, há melhor mira do que a raiva? Em suma, houve o tiro, mas preferimos não mostra-lo, tanto para não onerar nossa produção, quanto para não nos aprofundarmos nestas cenas dramáticas, porque a ruína humana, como efeito, não é nosso objetivo. Porque, a priori, as maiores tragédias são exatamente as maiores banalidades. Estas, sim, nos interessam. Interessam?

Blackout intenso. Chuva. Tempo. Sons de missa, de cavalos, de gritos. Saudade entra na casa. Tenta acender a luz.

SAUDADE - Caralho... basta uma chuva...

Ouve-se ruídos de aberturas de gavetas, Saudade procura uma lanterna. Helena continua de pé, no centro da sala.

HELENA - Jair... Jair... Acorda Jair. Vou sair por aquela porta. Na verdade, eu já saí. Meu corpo permanece aqui, mas eu estou lá fora, abre os olhos, Jair, tenha um pouco de coragem, meu filho. Olhe lá: aquela mulher dançando funk no semáforo? Aquela que cata latinhas de cerveja em pleno carnaval? A outra, travesti pagando boquete por caridade pra um velhinho de barbas?

SAUDADE - Achei!

HELENA - Sou eu, Jair. Acredita? Não, né?

Saudade acende a lanterna e ilumina Helena.

HELENA - Helena, assim, moldura de sua parede de memórias, Jair, não existe. Eu até me desculparia de ter vestido essa personagem pra você: foi por orgulho, eu admito. Mas não me desculpo, não. Sabe porquê, Jair? Porque isso é um problema seu. Acorda, meu filho: Jair existe? Helena, não. Não mais.

Saudade, lentamente, vai iluminando, uma a uma, as mulheres que estão em cena, de pé: Irene e a Senhoras Portuguesas.

HELENA - Essa aqui, você não entenderia, não se reduz a seu nome, nem ao nome do que a define. Mulher? É pouco (ou muito). Não sei, não quero saber, e por favor, não tente explicar nem em pensamento, Jair, sua racionalidade, pra mim, é uma piada de mau gosto). Começarei a ser outra coisa assim que sair por aquela porta, começarei e deixarei de ser essa coisa toda vez que eu quiser, ou precisar, ou então, virarei sem perceber, porque a vida é assim, meu filho. Você não é nada. E eu? Também. Mas eu não pretendo ser alguma coisa, pelo contrário: sou nada com muita felicidade, Jair.

Saudade ilumina Lúcia. Grita. Corre. Helena grita:

HELENA - Acorda, Jair!

Saudade para, não há mais ninguém na casa, não adianta gritar. Reza baixinho. Vai iluminando o caminho de volta, mas quando chega onde Lúcia estava, ela não está mais.

SAUDADE - Cadê essa filha da puta, minha nossa senhora?

Sai pela casa procurando-a com a luz da lanterna, rezando cada vez mais alto. Ouve um barulho. Segue-o. Lúcia está escrevendo na parede. Ele a ilumina, talvez ele leia em voz alta.

LÚCIA (escrevendo) - Interrompe essa oração.

SAUDADE - Porque você aparece pra mim?

LÚCIA (escrevendo) - Você tem medo de quê?

SAUDADE - Agora? De você.

LÚCIA (escrevendo) - Porque você aparece pra mim?

SAUDADE - Eu apareço pra você?

LÚCIA (escrevendo) - Sistemáticamente.

SAUDADE - Você que inferniza a minha vida.

LÚCIA (escrevendo) - Você não conhece o inferno.

SAUDADE - E você? Conhece?

LÚCIA (escrevendo) - Como um túmulo.

SAUDADE - Volta pra lá.

LÚCIA (escrevendo) - O inferno é aqui.

SAUDADE - Não. Isto não é o inferno. É uma república. E antes de ser uma república é uma casa. Cimento, terra, madeira, vidro. Você tem medo de quê?

LÚCIA (escrevendo) - Eu quero morrer.

SAUDADE - Você já morreu, Lúcia...

LÚCIA (escrevendo) - Como você se chama?

SAUDADE - Aqui me chamam de Saudade. Mas é só um apelido.

LÚCIA (escrevendo) - E se você se chamasse Pássaro?

Saudade se desconcerta com a pergunta, mas completa.

SAUDADE - Eu cagaria na cabeça de meu professor de química.

LÚCIA (escrevendo) - E se você se chamasse poesia?

SAUDADE - Eu aprenderia a tocar violão.

LÚCIA (escrevendo) - E se você se chamasse pedra?

SAUDADE - Preferiria não ter ponta.

LÚCIA (escrevendo) - E se você se chamasse Augusto?

SAUDADE - Eu me chamo Sandro.

Tempo. Irene interrompe sua música e posta-se de pé, preparada para sair.

LÚCIA (escrevendo) - E, se você se chamasse Augusto, você me amaria?

Tempo. Saudade pega alguma coisa que escreva nas paredes.

SAUDADE (escrevendo) - Sim.

Lúcia se ilumina. Primeiro parece não acreditar nos sentimentos que lhe nascem. Depois, corre os corredores da casa, gritando como uma criança. Vai até a porta principal e a abre. Entra muita luz. Saudade se junta às pessoas na sala, assim como todos os personagens e figurantes da montagem. Até os técnicos e contrarregras e a equipe técnica, todos de pé ante a porta principal. Cada integrante da montagem convida espectadores pra se postarem de pé na sala, até que todo mundo esteja de pé. Entra Texto.

TEXTO - Fui um desejo anterior de contar uma história de uma casa. Depois, uma história que ia perdendo e ganhando detalhes. Agora, sou texto. Cunhando as paredes dessa casa com tudo o que vi, ouvi, inventei, menti. Como texto, tenho consciência de tudo (desta ficção, deste teatro). Todos vocês irão passar, menos eu. Fico porque é esse o desígnio das palavras: reter. Já o sabem: é chegado nosso fim. Contamos algumas histórias, poucas, se levarmos em conta a vida. Todas tendo como pano de fundo o tempo. Mas não falamos do tempo. Pelo contrário: essa narrativa só existe porque eliminamos o tempo. Eliminado o tempo é assim: tudo converge, se confunde. Onde eu queria chegar? Simples: se tudo é história, porque apegarmo-nos nas dos outros? Moralista demais? Talvez. Mas é assim: deve haver algum propósito no fato de estarmos todos aqui, juntos, como uma família, escrevendo, ainda, a história que aqui se pretende de pedra. História é presença. É o

que permanece. Percebem isto? Todos somos personagens. Chavão? Talvez não. Nada existe isoladamente, tudo é relativo. Tudo é adaptação. Eis a maior das qualidades humanas: viver onde quer que se proponha, de todas as formas, sob quaisquer condições. Agora, é tarde. Sairão juntos pela mesma porta que entraram. Todos vocês. Não serão necessários aplausos. O verdadeiro espetáculo, cheio de rotina e poesia, começará agora.

DRAMATURGIA DE JULLIANO MENDES

- 12ponto223b
- Amores e dores no país das flores
- Coração de Porco – Édipo em 4 estações
- Edvards e as Mortes
- Delírios de Will ou como chupar os ossos de Shakespeare
- Histórias nas Paredes
- Nelson Rodrigues
- O Queijo – Uma comédia sórdida
- Uma novela masculina
- Um homem jogado no sofá ou uma mulher que saiu por aquela porta

Projeto viabilizado com recursos da Lei Aldir Blanc/MG, através da Secretaria Estadual de Cultura e Turismo de Minas Gerais.

Download gratuito de todas as obras: www.jullianomendes.com
(Julliano com 2 L's)

CULTURA E
TURISMO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
SERVIDO
EFICIENTE.

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

